

# ZERO

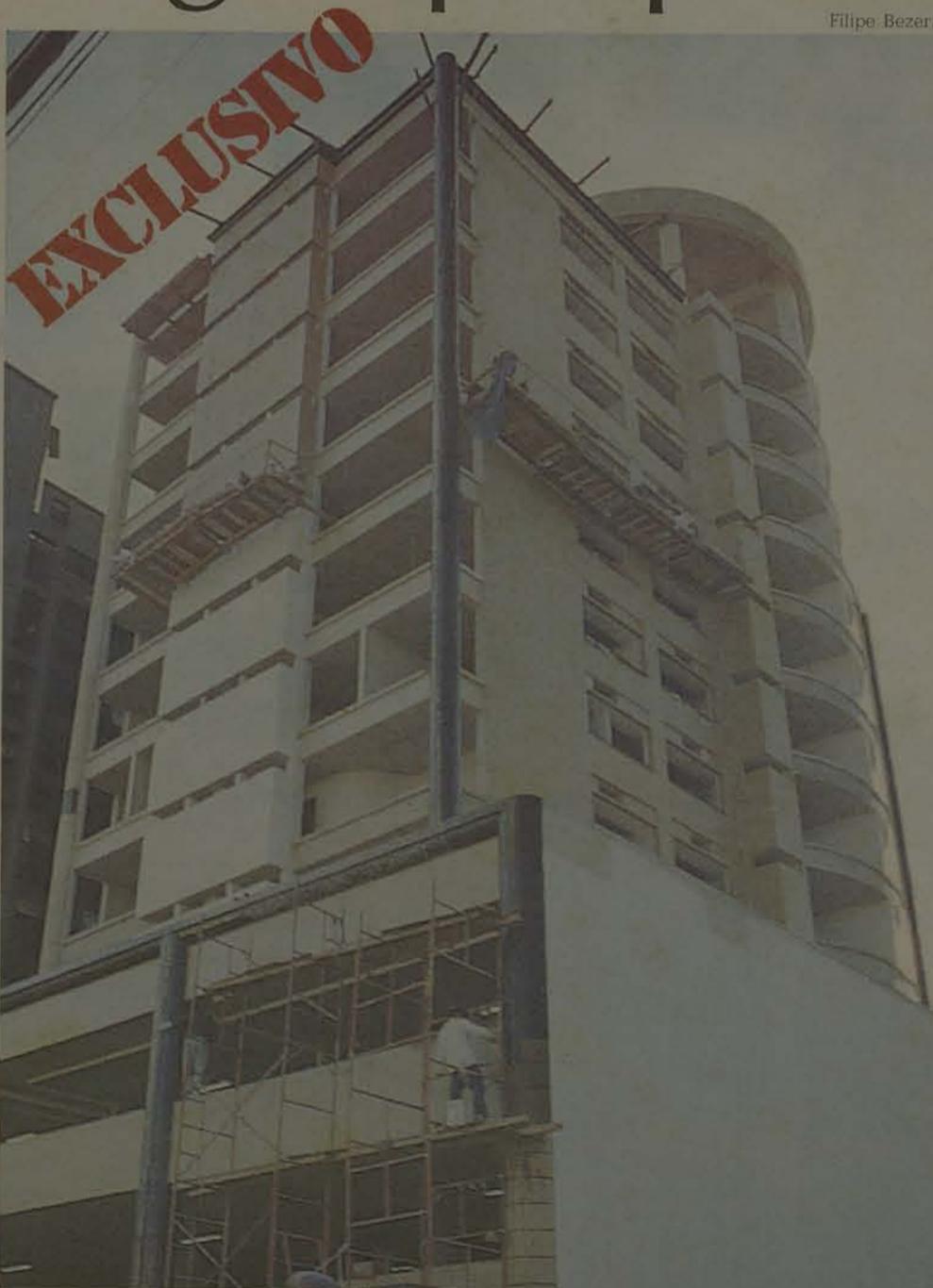
Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da UFSC - Ano XV - nº 1

## Receita Federal paga super aluguel por prédio em obras

Filipe Bezerra

A Delegacia da Receita Federal de Florianópolis paga desde julho R\$ 94 mil, um valor muito acima do de mercado, pelo aluguel da sua nova sede (foto ao lado). O prédio tem cerca de 5 mil metros quadrados, não passou por licitação e não foi concluído.

Página central



### Paranormalidade para todos



Divulgação

Há vinte anos o parapsicólogo Pedro Grisa estuda fantasmas, possessões demoníacas e combustão espontânea  
Páginas 10 e 11

### Turismo pelas estradas do Brasil

Para comemorar os 500 anos do Brasil Ita Kirsch e Simone Blauth redescobrem o país fotografando de dentro de uma Kombi

Página 14



Saramma Lopes

### Stedile veio invadir nosso campus

O líder do MST esteve na UFSC e soltou a língua no governo FHC  
Página 3

### A Novembrada não foi em setembro

Curta reconstitui a agitada visita do ex-presidente Figueiredo a Florianópolis  
Páginas 6 e 7



Lucio Giovanelli



O interior da nova sede da DRE: sem condições de ocupação

## Últimos a saber, primeiros a publicar

*Desta vez, o mote principal da edição do ZERO não é o design pós-moderno ou os conflitos pseudo-sociais de uma geração perdida em conceitos antropofágicos. O tema do ZERO é curto e grosso - DENÚNCIA! Este é o maior diferencial do jornal, habituado a desafiar oligarquias e apresentar fatos.*

*A Receita Federal aluga por R\$ 94 mil salas de um prédio em construção que, mesmo se estivessem prontas valeriam algo em torno de R\$20 mil, segundo avaliações de mercado.*

*O leitor pode se perguntar se foi o perfil arrojado que atraiu a fonte a apresentar sua denúncia ao Zero antes dos chamados grandes veículos. Mas não foi esse o caso: não fomos os primeiros escolhidos. O Diário Catarinense recebeu a denúncia e não publicou. A Folha de São Paulo também não. O ZERO, que não tem medo de auditorias, foi atrás e descobriu uma história cheia de contradições, interesses financeiros e políticos.*

*Seguindo a linha de denúncia, levantamos a questão dos parapsicólogos, que andam prometendo até a mudança de sexo dos filhos através da força do pensamento. Na reportagem foi entrevistado o Prof. Rogério Guerra, doutor em Psicologia Experimental pela USP que chama a atenção para a falta de formação destes "Doutores" e de como eles usam o status científico para conquistar mais clientes.*

*Outro assunto que vem sendo ignorado, mas promete incomodar a comunidade universitária em breve, é a questão direitos autorais vs. xerox. Na página 14, você fica sabendo a quantas anda a nova Lei dos Direitos Autorais, aprovada em fevereiro deste ano. Esta lei classifica como crime a reprodução integral de um livro.*

*Acompanhamos também a produção de "Novembrada", o filme de Eduardo Paredes que relembra a infeliz visita do ex-presidente Figueredo à ilha e reconstitui os protestos que surpreenderam o governo da época.*

*É isso aí. Após uma greve com três meses e uma certa "falta de articulação" da equipe, aí está o primeiro ZERO do ano.*

### Expediente

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina  
Edição e copidesque: Fábio Almeida, Fábio Bianchini, Grasiela Costa, Gustavo Cabral, José Lacerda, Patrick Cruz, Pedro Valente, Rhodrigo Dedá, Rodrigo Pereira, Rogério Kiefer e Romeu Martins.  
Projeto gráfico, diagramação e editoração eletrônica: Fábio Almeida, Gustavo Cabral, Pedro Valente e Rodrigo Pereira.  
Fotografias: Filipe Bezerra e Samanta Lopes  
Ilustrações, charges e

infográficos: Frederico Carvalho e José Lacerda  
Reportagem: Alexandre Brandão, André Lückman, Carline Piva, Diego Singh, Fabrício Rodrigues, Filipe Bezerra, Gabriel Rocha, Gísiela Klein, Grasiela Costa, Gustavo Cabral, Isabela Hoffman, Leonardo Collares, Malu Echeverria, Pedro Valente e Sonia Campos.  
Manipulação Digital: Rodrigo Pereira  
Coordenação: Prof. Henrique Finco  
Distribuição Gratuita  
Circulação Dirigida

## Índice

- 3 Stedile veio invadir nosso campus
- 4 Da lama ao caos sem Chico Science
- 4 Música para os elevadores de bom gosto
- 5 Teoria é bom, trabalhar é melhor
- 6 Conversando com Paredes
- 7 O presidente que cheirava cavalo
- 8-9 Barbada: aluga-se este prédio em construção por R\$ 94 mil
- 10 Vinte anos desvendando o sobrenatural
- 11 Caçadores de caça-fantasmas
- 12 O cardápio do Tio Sam é uma porrada
- 13 Libere todo o tesão que há em você
- 14 Pego em flagrante com o xerox na mão
- 14 A ingnorância que astravanca o progresso das magrelinhas
- 15 Uma Kombi conta a história do Brasil
- 16 Pesca e Turismo ameaçam nossa Baía dos Golfinhos

# Stédile veio invadir nosso campus

Ele veio à UFSC e falou sobre seu novo livro, *A Opção Brasileira*. Disse que o Brasil serve de prostíbulo para o capital internacional, mandou os pichadores para as ruas mas o que queria mesmo era falar mal de FHC

Samanta Lopes

Durante a tarde do dia 10 de setembro, o líder nacional do Movimento dos Sem-Terra (MST) João Pedro Stédile veio à Universidade Federal realizar uma palestra divulgando o seu novo livro, *A Opção Brasileira*. Logo após um almoço com representantes do Movimento Unificado Contra a Privatização (Mucap), Stédile recebeu a imprensa local para uma entrevista coletiva e começou dizendo que não veio falar de seu livro, mas sim falar mau de Fernando Henrique Cardoso. O líder do MST tem feito uma jornada pelo Brasil, passando pelas universidades e principalmente discutindo com organizações não-governamentais locais, como o Mucap, projetos econômicos alternativos para o país. E foram esses projetos alternativos que basearam suas idéias apresentadas para a população universitária.

Stédile defende que o primeiro passo para o desenvolvimento econômico do Brasil deve ser a conscientização do povo contra a dominação das elites. É necessária a construção de um projeto de natureza popular, para se contrapor ao projeto do governo que, segundo ele, serve apenas às minorias. E faz uma retrospectiva histórica: "Desde o começo da nossa 'independência' o Brasil assumiu uma opção de crescimento errada. De 1500 a 1930, o nosso país teve o chamado modelo agroexportador, que exportava o que tínhamos de melhor. Depois, de 1930 a 1980, tivemos um projeto de industrialização também errado. Qual outro país constrói aviões a jato e precisa importar tênis? E, a partir de 1994, começou o terceiro projeto das elites, que subordina completamente a nossa economia aos bancos do exterior. É necessário identificar as



Stédile visita universidades em todo o país. É a 3ª vez na UFSC

raízes dos problemas na sociedade, pois a tendência mais comum é analisar apenas as conseqüências." Entre as raízes dos nossos problemas econômicos, Stédile aponta a concentração de renda e riqueza - os bancos dominam o país hoje; a dependência externa da nossa economia; o Estado voltado para as necessidades das minorias; o monopólio dos meios de comunicação e,

é lógico, a existência do latifúndio.

## Desenvolvimento independente

João Pedro continuava argumentando que "O Brasil é a oitava economia do mundo, e nós temos condições de 'peitar' os EUA. Se a China faz, por que não nós? E a China é a décima economia. Quando o Clinton fala: 'Vamos pagar menos pelos seus produtos de exportação', eles falam: 'Então não vendemos mais.' Ele sempre volta atrás. As elites brasileiras

não têm personalidade, gostam de tudo que é importado. E é por isso que essas elites não têm competência para organizar o Brasil."

Baseado nessas idéias, Stédile afirma que "O Brasil tem solução. E a opção que o país deve tomar para sair da crise deve ser brasileira. Não adianta copiar dos Estados Unidos, da Europa, chamar os banqueiros do exterior. Não adianta vender tudo. E, ainda, os resultados só virão em prol do povo se houver um movimento popular em

torno deles. Até Rubens Ricupero escreveu uma matéria condenando a nossa dependência externa. É fato: nenhum país se desenvolveu com capital estrangeiro. Todos os processos de desenvolvimento dependem basicamente da capacidade do próprio povo acumular. Se nós ainda fôssemos o Uruguai, que só tem ovelha, boi e fazendeiro, a dependência econômica estava explicada."

Logo após chamar o Brasil de "prostíbulo do capital internacional", Stédile dá uma dica: "Todo mundo que tem spray, piche 'Fora FHC' no muro da sua casa, da sua escola, do seu banheiro. Quando o totalitarismo toma conta dos meios de comunicação, o povo só tem a língua e a mão. Lógico que, depois das eleições, vá lá e limpe." - disse numa tentativa de retratação.

## Aprovação popular

Perguntas sobre o MST foram inevitáveis, mesmo com sua visita a Florianópolis tendo outro motivo. Quando indagado sobre a popularidade do movimento, em relação à violência cada vez mais evidente nos saques, Stédile desmentiu a revista *Veja* e respondeu de forma um pouco inusitada: "O povo sempre apoiou a reforma agrária e o MST. O povo, no fundo se preserva. Por exemplo, a *Veja*, com aquela capa (Stédile se referia à edição n.º 22, de 3/6/98, em cuja capa aparece o rosto do líder do MST com desfigurações gráficas, seguida de uma matéria considerada tendenciosa); a vendagem nas bancas diminuiu em 30%. Já o Lula, outro

exemplo, aumentou nas pesquisas quando os saques no nordeste se tornaram mais comuns. Se bem que o Ibope é a coisa mais desmoralizada do país. Os institutos de pesquisa não averiguam, mas manipulam a opinião do povo."

*"O Brasil é a 8ª economia do mundo, e nós temos condições de peitar os EUA"*

Nos últimos momentos da coletiva, Stédile fechou seu argumento sobre o MST afirmando que a reforma agrária ainda não é bem compreendida. "A reforma agrária não quer multiplicar camponeses, como muitos pensam, mas levar o progresso econômico para o campo. Isso geraria uma boa fonte de renda nacional, e garantiria uma vida boa para todos, num país com largas dimensões como o nosso."

André Lückman



"Eu não quero falar do meu livro. Eu quero é falar mal do FHC"

# Da lama ao caos sem Chico Science

Na falta do vocal "antropofágico" de Chico Science, os percussionistas do Nação dão uma de cantores e fazem a primeira apresentação em Florianópolis bem ao gosto deles, encharcados no meio do lamaçal

Caía o maior cacau na noite em que a Nação Zumbi tocou pela primeira vez em Florianópolis, no final de maio. A parte superior do Mercado Público fazia as vezes de backstage para a banda, que se preparava para o segundo show de sua primeira turnê sem Chico Science. Lá de cima os músicos observavam o pequeno público que assistia heroicamente à apresentação dos Stonkas Y Congas debaixo do temporal. "Na nossa estréia em Santos também não tinha muita gente, mas o pessoal que estava lá era o que importava", contou o guitarrista Lúcio Maia.

Lúcio poderia estar na Europa excursionando com o Soulfly, a nova banda do ex-Sepultura Max Cavalera. Poderia também abrir as apresentações do Black Sabbath original no OzzFest. Ao invés disso, preferiu ficar com seus malungos da Nação. - Por quê? "Por quê?", retrucou surpreso para completar: "A Nação é a minha vida!".

Maia, que começou a tocar guitarra inspirado no funk de Sly & The Family Stone e James Brown, hoje anda ouvindo muito Jorge Benjor

(unanimidade entre a banda) e o duo eletrônico francês Air. Entre outros sons que já fizeram sua cabeça estão o próprio Sepultura, o Dorsal Atlântica ("que hoje acho uma merda") e músicos regionais de Pernambuco, artistas de maracatu, embolada e coco, como Jackson do Pandeiro (este na verdade um paraibano). O último é a inspiração para o pseudônimo usado pelo guitarrista no disco do Soulfly: Jackson Bandeira. - E o Bandeira? "É que eu sou bandeiroso", disse aos sorrisos. Tendo participado também no arranjo das músicas, Maia não quis ter seu nome diretamente vinculado ao projeto, deixando bem clara a separação entre seu trabalho na Nação e o do Soulfly.

Um dos responsáveis pela trilha sonora do filme "Baile Perfumado" de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, Lúcio anda sendo sondado para outros projetos cinematográficos, mas por enquanto não participará de nenhum deles por pura falta de



A banda sem Science: Restrição no repertório

tempo. Divulgando o disco novo, CSNZ, a Nação já tem shows agendados até o fim do ano e no começo do próximo deve entrar em estúdio para mais um álbum, só com material inédito. CSNZ, na verdade traz apenas quatro músicas novas.

Suprindo a falta de um vocalista, os percussionistas Jorge Du Peixe, Gilmar Bola Oito e Toca Ogam estão dando uma de cantores. No camarim improvisado, envolto a fumaça e movido a amendoinos, Du Peixe explica por

Arquivo ZERO

que eles decidiram deixar algumas músicas de fora do set list: "Tinha coisas que eram muito a cara do Chico e não dava para mexer", disse ele. Sua entrada na Nação foi meio inusitada, pois o cara nunca havia tocado um tambor.

O percussionista Gira, juntamente com Toca e Bola Oito vieram do bloco afro Lamento Negro. Gira conta que naquela época não conhecia praticamente nada de rock ou música pop. "Eu só ouvia música regional, coco, maracatu,

embolada". Hoje em dia ele anda ouvindo "muito hip-hop, trip-hop tipo Portishead, death, thrash metal e Roberto Carlos do tempo da Jovem Guarda também".

A hora do show se aproximava e os músicos se trancaram sozinhos no quartinho/camarim. Após alguns minutos de concentração saíram direto para o palco determinados a escrever mais um capítulo de uma história marcada por triunfo e tragédia. Aquela foi uma noite de triunfo. Chila, relê, domilindró!

Gabriel Rocha

## Música para os elevadores de bom gosto

Jornalista e filósofo, Pedro Leite, 38 anos, comanda a rádio mais gabaritada no ramo cultural de Florianópolis, a Itapema FM. Sua experiência inclui 16 anos em jornais e rádios. Nesta entrevista ele fala sobre trabalho, música e o dia-a-dia de uma rádio

Você trabalhou muito tempo no Diário Catarinense, como foi a experiência?

Trabalhei 8 anos no Diário, fazendo o Variedades, Economia, Cultura. Aprendi muito lá dentro. Mas chegou certa altura que me faltava algo.

O espaço para trabalhar com música, talvez?

Sempre gostei de música, mas nunca tinha visto música como uma possibilidade de trabalho.

Foi a Itapema que abriu esta possibilidade?

Sim. A oportunidade na Itapema surgiu quando a RBS resolveu mudar o estilo da rádio de mesmo nome já existente, que só tocava MPB, com aquele ranço de que música popular brasileira era a melhor coisa do mundo. Fui chamado inicialmente para fazer um comentário sobre cultura, depois fui encarregado de comandar a reformulação da programação.

Foi complicado implementar seu estilo dentro da Itapema?

A rádio não tinha discos, todas as músicas eu trouxe da minha casa. Nenhuma gravadora visitava a rádio, ela não existia, quer dizer, não tinha audiência e anunciantes.

Filipe Bezerra



Leite: cultura e sensibilidade

A partir deste momento a cidade começou a sentir que tinha alguma coisa diferente no ar, o mercado também.

Então você teve bastante espaço para fazer o que queria?

Tudo o que eu sonhava numa rádio eu pude fazer. Me deram todo o espaço do mundo. Eu acho que tive tudo o que um profissional sonha em ter na vida: uma empresa forte que garanta o que se quer fazer.

Qual é a linha que segue hoje a rádio Itapema?

Ela trabalha dentro de um conceito chamado adulto-contemporâneo. Vou dar um exemplo: a Antena 1 é uma rádio para o seguimento adulto, só que ela só toca coisas antigas, é a proposta dela, que deve ser respeitada. A Itapema é outra praia, ela é adulto-contemporâneo. Ela serve ao adulto que não parou no tempo, continua vivo e que quer saber o que está acontecendo de novo. A Itapema toca flashes, porque todo mundo gosta de ter um referencial do passado, mas toca também os lançamentos, porque nosso ouvinte tem anseio de conhecer o novo.

É você quem faz o controle da rádio para que ela não fuja a seus parâmetros?

Sim, como coordenador da rádio tenho de orientar os locutores, pensar a rádio, promoções, eventos, distinguir a linha. Tudo é pensado na Itapema. Em algumas outras rádios eu sei que não é assim. Eu ouço rádio o dia inteiro, para estar fazendo as correções necessárias. Em rádio tudo é muito sintético, tudo é tempo. Nada se perde, tudo é bem pensado.

O que seria música de bom nível para você?

Existem falsos paradigmas a respeito da música. Me irrita ao ouvir que música boa é erudita, ou somente música popular brasileira, ou só Jazz, ou só isso, só aquilo. Música é música; existe a bem feita e a mal feita.

O que você pensa da música nacional?

A música brasileira é fantástica. Uma das coisas mais absurdas é as pessoas tratarem a MPB como se fosse uma "coitadinha", que precisasse ser protegida com reserva de mercado. A música que se faz neste país é boa e pronto, não precisa ter pena dela.

Como você consegue o material novo para os ouvintes?

Sempre viajando. É uma angústia, sempre atrás de coisas. Eu escuto todos os discos que passam pela minha frente. E escolho dentro disto. Não vou apenas nas coisas certeiras, sólidas, os medalhões. Eu tenho que ampliar meu campo para descobrir coisas novas, senão nos não tocaríamos Paulinho Moska aqui, ou Zeca Baleiro ou Renato Braz. Os ouvintes e amigos da rádio também são uma fonte fundamental.

Filipe Bezerra

# Teoria é bom, trabalhar é melhor

Formada por alunos de graduação, uma empresa junior funciona como laboratório para desenvolvimento de projetos. A UFSC já conta com 10 iniciativas desse tipo, sendo oito delas nos departamentos de Engenharia

Samanta Lopes

A Universidade Federal de Santa Catarina possui dez Empresas Juniores formadas por universitários com pressa em conhecer o mercado de trabalho. Muitos alegam que um diploma na mão não é mais certeza de futuro garantido e que hoje, para o êxito profissional, é necessário muito mais que conhecimentos teóricos. De acordo com o Diretor Superintendente do Sebrae, Vinicius Lummertz, ter a prática dos conceitos acadêmicos é um diferencial na hora de conseguir o primeiro emprego. "A experiência torna o graduando mais competitivo".

Nas Empresas Juniores os universitários prestam serviços de consultorias na área do Curso que estão fazendo. Monitorados por professores desenvolvem projetos que irão ajudar a aplicar os conteúdos aprendidos em salas de aula. Segundo o Presidente da Empresa Júnior de Engenharia Mecânica da UFSC, Rafael Piazza, esta é uma oportunidade para os alunos da Mecânica terem um retorno. "No decorrer dos cinco anos do Curso o aluno fica inseguro, não tem noção de como irá aplicar a teoria à prática".

Além disto, a experiência possibilita ao acadêmico aprender a se relacionar com o cliente e conhecer quais são as perspectivas do mercado. Fica mais fácil para o universitário negociar o produto que desenvolveu. Como fala o diretor da Federação de Empresas Juniores de Santa Catarina, Hudson Oliveira, "participar de uma empresa Júnior permite que o universitário saiba interagir socialmente em favor do seu benefício".

## Primeiros passos

Para abrir uma Empresa Júnior é necessário fazer alguns procedimentos burocráticos. Após reunir um grupo de pessoas interessadas é preciso falar com o coordenador do Departamento para verificar se há disponibilidade de espaço físico. Em seguida, elaborar um Estatuto e aprová-lo através da Ata



Os alunos de uma Empresa Júnior apresentam seus trabalhos em feiras e congressos científicos

de fundação. Depois, escolher os alunos que irão dirigir a empresa e o conselho deliberativo. Este, será formado por servidores e professores que terão autoridade para fiscalizar as atividades da empresa. Mas ainda falta legalizá-la.

É preciso registrar a empresa em

um cartório e ir até uma junta comercial para tirar o CGC - Cadastro Geral dos Contribuintes. Apesar de ser classificada como associação sem fins lucrativos, uma Empresa Júnior tem que pagar impostos quando presta serviços, e é obrigada por lei a declarar anualmente o imposto de renda de pessoa jurídica. Após cumprida a etapa burocrática é

preciso cuidar do marketing da empresa, através de folders, malas diretas que definam as áreas de atuação para os possíveis clientes. O público alvo das Empresas Juniores acaba sendo as micro e pequenas empresas devido ao baixo custo dos projetos.

## É barato mas demora

Os projetos desenvolvidos por estudantes chegam a custar a metade do preço cobrado pelos profissionais do mercado. Enquanto um programa empresarial sai, no mínimo, por R\$10 mil, a FGV Júnior - Empresa Júnior da Fundação Getúlio Vargas - cobra menos da metade do preço de mercado, R\$ 4 mil.

Mas quando o assunto é o tempo gasto para desenvolver os projetos as consultorias juniores per-

dem pontos. Isso porque, no final do semestre, com as provas e o período de férias, diminui o número de estudantes nas faculdades. Para a empresária Adriana Gomes, que contratou os serviços de uma Júnior, quem opta por esse tipo de serviço deve estar preparado para os imprevistos. "Às vezes, a culpa também é dos professores, que têm que corrigir as provas e orientar os consultores ao mesmo tempo".

Sonia Campos

*O Movimento Júnior teve início na França no final da década de 60, de lá pra cá o conceito Empresa Júnior difundiu-se rapidamente por vários países. No Brasil a primeira Júnior surgiu em 1989, através de estudantes do Curso de Comércio da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo*

## Veja os cursos que possuem Empresa Júnior na UFSC

Administração	Ação Júnior
Nutrição	Nutri Jr.
Eng. de Controle e Automação	Automação Jr.
Eng. Química e de Alimentos	Conaq Jr.
Engenharia de Computação	NPI
Engenharia Mecânica	EJEM
Engenharia de Produção	EJEP
Engenharia Sanitária	EJESAN
Engenharia Civil	EPEC
Engenharia Elétrica	EJECEL

# Conversando com Paredes

Mesmo tendo ganho dois prêmios no festival de cinema mais importante do Brasil, o diretor de Novembrada despreza a opinião dos críticos culturais e diz que eles precisam abrir mais a cabeça e deixar de badalação

Lúcio Giovanelli

Vencedor em agosto de dois Kikitos no Festival de Cinema de Gramado (melhor direção de arte e júri-popular), o curta-metragem *Novembrada*, dirigido por Eduardo Paredes, não será mostrado ao público catarinense até que passem as eleições. Especulações acusam "censura" do candidato a senador Jorge Bornhausen (PFL/SC), governador na época da Novembrada, e que teria tido influência no financiamento do curta. O diretor diz que "isso não faz sentido, já que a própria mensagem do filme é contra a censura". Mas irrita-se quando indagado sobre o assunto: "Não tenho que dar satisfações a ninguém. É uma opção minha, tenho os festivais como prioridade." Refere-se à maratona de eventos que o ocupam até o início de outubro. Depois, reconhece um acordo com patrocinadores por causa do pleito. "Não vou deixar que meu filme seja instrumentalizado pelo Paulo Afonso, ou pelo PT."

Nesta entrevista, o "temperamental" Eduardo Paredes reclama da premiação em Gramado, provoca colegas cineastas e critica a crítica em Santa Catarina. Também conta sobre seus tempos de dependência do jornalismo.

**ZERO** – Você não ficou satisfeito com alguns resultados no Festival de Gramado, não é?

**EDUARDO PAREDES** – Seria ridículo eu reclamar dos prêmios com uma valoração subjetiva, como melhor direção ou melhor filme. Mas a melhor montagem foi a da Vera Freire, sem dúvida alguma. Melhor ator para o Lima Duarte, sem dúvida alguma, em vez dos dois amadores que ganharam (Márcio Ribeiro e Gustavo Engracia pelo filme "Um dia e logo



Paredes (com a claquete): "Quando falam mal de mim, fico puto"

depois um outro"). E para melhor fotografia, também defendo o trabalho do Jorge Monclaro da Novembrada. São três prêmios dos quais não só eu reclamei, mas também pessoas qualificadas do meio cinematográfico. Mas o filme levantou dois Kikitos e houve um reconhecimento geral de diretores, técnicos, produtores, críticos, imprensa especializada... E eu tenho minha convicção que meu filme está bom, isto é o que mais basta. Essa questão de premiação é uma merda. Eu sou temperamental, e estreei na hora, mas foi coisa do momento. O que vale é que o filme largou legal.

**ZERO** – Como você vê este momento do cinema catarinense?

**PAREDES** – Hoje já se faz cinema fora do eixo Rio-São Paulo, e acho que o movimento de realização cinematográfica em Santa Catarina está colhendo os primeiros frutos daquilo que foi semeado a partir da fundação da Cinemateca Catarinense, em 85. A partir daí veio uma geração. Alguns não conseguiram se estabele-

cer, é uma pena, como o Mauro Faccioni. Outros ficaram na promessa, como o Fábio Brüggeman e o (Everson) Faganello. Outros conseguiram ficar, com muita dificuldade mas com determinação, e motivaram outros que já estão chegando junto e querendo realizar. Só que

fazer cinema não é modismo, nem diletantismo, é uma opção de vida. Ou você entra e mergulha de ponta, submetendo-se e enfrentando todas as dificuldades, ou vai ser mais um que vai fazer um filme e cair fora. Essa minha determinação vem de vinte anos. Exerci outras profissões, como o jornalismo, trabalhei na área de publicidade, e como diretor de vídeo, para sobreviver. Mas não houve um minuto sequer em que me afastei do meu projeto de vida, que é fazer cinema. Precisa força, vontade, determinação, energia, garra, conhecimento, talento... E se não houver uma infra-estrutura trabalhada, também, um núcleo, pra não dizer um pólo de cinema, que tenha coisas básicas, eu acho muito difícil. Mas vejo um pessoal que tá afim e acho que vai chegar junto. Desejo boa sorte a todos, acho que o sol está aí para iluminar todo mundo.

**ZERO** – A imprensa catarinense está cumprindo seu papel na cobertura de cultura?

**PAREDES** – Temos poucas pessoas que podemos dizer que são críticos de cinema. Acompanho o trabalho deles e permito críticas negativas ao meu trabalho. Mas o que vivemos aqui em Santa Catarina ainda é um jornalismo de columnismo social. Os formadores de

opinião infelizmente ainda são os columnistas sociais, e são umas figuras que a gente vê que, com raras exceções, têm uma deficiência cultural muito grande. Nunca vi esses columnistas frequentando as salas de cinema. Você vê, pela forma como escrevem, como pronunciam, que são pessoas que precisam abrir mais a cabeça, deixar de badalação e tietagem, às vezes até animosidade contra alguém que esteja lutando e querendo fazer sucesso. Ou se apegam a uma euforia, ficam num oba-oba que para mim é irreal, ou ficam destilando veneno, o que é mais negativo ainda. Eu vi coisas absurdas, jornais de circulação diária que escreveram que meu filme é um longa-metragem, que é documentário, que a Novembrada foi em setembro. Mostram uma falta de preparo para abordar o assunto... Pratiquei dezoito anos de jornalismo, e tive o maior cuidado e respeito com o que fiz. Nunca me chamaram a atenção por essas coisas, que acho elementares. Deviam tomar mais cuidado. Jornalista tem que ser formado, mas antes disso informado. Tem que ter lastro, conhecimento sobre o que vai escrever. Se não, corre o risco de dizer besteira. E o que mais tenho visto é gente falando besteira. É um deus-nos-acuda. Quando falam algo errado do meu trabalho

*"Vi críticas absurdas em jornais diários, escreveram que Novembrada se passava em setembro"*

ou de mim fico puto da cara (ri). Mas depois esqueço, porque às vezes não é intenção de agredir. É porque são burros, mesmo.

**ZERO** – Como foi sua experiência no jornalismo?

**PAREDES** – Foi a minha base, tive experiências que só acrescentam na minha formação de diretor de cinema. Comecei como repórter fotográfico no Diário do Paraná, em Curitiba, que é minha cidade, em 76. O jornalismo foi minha cachaca, meu ópio, minha cocaína durante dezoito anos. Foi a droga em que me viciiei. Eu adorava o cheiro da oficina, da fotomecânica, das impressoras, o barulho, aquela sinfonia de máquinas de escrever, eu era viciado naquilo, adorava minha profissão. O jornalismo te coloca frente-a-frente com várias realidades, com várias classes sociais. Você adquire tato, aprende nessa escola maior de todos nós que é a escola da vida. Acho o jornalismo fantástico.

Leonardo Collares

# O presidente que cheirava cavalo

Fotos: Lúcio Giovanelli

*Figueiredo em SC: veio, viu e mandou a PM dar coices nos manifestantes*

Em 1979 o governo do estado de Santa Catarina estava nas mãos do então Arenista Jorge Bornhausen. O dia 29 de novembro deveria ser uma data de festa e comemorações, marcada pela primeira visita do presidente da República, General João Batista Figueiredo, a Santa Catarina e pela assinatura de alguns convênios para o repasse de verbas. O mesmo Figueiredo que disse tempos depois preferir cheiro de bosta de cavalo ao do povo e pediu que o esquecessem depois de terminar seu mandato.

A Praça XV, em frente ao Palácio Cruz e Souza - na época sede do governo do estado - foi preparada para a visita com faixas de saudações ao Presidente, "João, meu amigo de fé, meu irmão camarada".

Próximo dali, na sede do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFSC, na rua Álvaro de Carvalho, um outro grupo organizava uma recepção um pouco diferente - menos calorosa, e nem por isso menos representativa.

Alguns estudantes universitários, entre eles Adolfo Dias - presidente do DCE, Amilton Alexandre, do Diretório Acadêmico do Centro Sócio Econômico da UFSC, Lígia Giovanella, também do DCE e a estudante de direito Rosângela Koerich, se reuniram um dia antes da visita do presidente para produzirem as faixas e panfletos que seriam distribuídos à população. As palavras de ordem lembravam a campanha contra a fome e o desemprego. "Não fazíamos menção direta à ditadura militar, não", lembra Amilton Alexandre, na época com 19 anos. "Havia até uma



*Lima Duarte viveu o presidente Figueiredo, que preferia o cheiro de bosta de cavalo ao do povo*

certa ingenuidade por nossa parte. Nós pedíamos pela igualdade social, não colocamos nos cartazes nada sobre 'Abaixo a ditadura militar', ou coisa desse tipo."

## "O povo quer comer"

No dia 30 de novembro, a Praça XV recebeu cerca de duas mil pessoas para a festa de recepção ao presidente João Figueiredo. Funcionários públicos foram dispensados mais cedo do trabalho, crianças de escolas públicas - devidamente uniformizadas com camisetas alusivas à visita - empunhavam bandeirolas de saudação ao General. Cerca de 30 estudantes que protestavam, ainda com as faixas enroladas, aproximaram-se da multidão distribuindo panfletos. "O povo quer co-

mer", era a base do protesto e o conteúdo da carta aberta entregue à população. A manifestação programada pelo DCE surgiu ao som de palavras de ordem como "Chega de sofrer, o povo quer comer." "Abaixo a exploração, mais arroz e mais feijão" e "Abaixo a fome".

Alguns policiais tentaram conter o protesto dos estudantes, que já contava com a simpatia de uma parte da população. "Deixem os estudantes, deixem eles protestarem", vinham palavras de apoio ao movimento.

Amilton lembra que o presidente Figueiredo foi à sacada do Palácio e fez um gesto com a mão, mostrando o dedo indicador e polegar juntos, querendo dizer que o protesto dos estudantes representava a minoria. "Mas não foi isso que a população entendeu. Para eles era um gesto obscuro e o povo, revoltado, vaiou o presidente."

A vaia generalizada provocou uma ação violenta da Polícia Militar, que tentava conter a multidão. O tumulto alcançou proporções não esperadas pelo governador Jorge Bornhausen e seguiu para o calçadão da Felipe Schmidt, em frente a Lanchonete PontoChic, onde o Presidente fazia sua última tentativa de unir-se ao povo.

"A essa altura, não eram mais os estudantes que comandavam a manifestação. Era a população que protestava", garante Amilton. Antes mesmo do final do tumulto, os estudantes - que organizaram a ma-

nifestação - seguiram para a sede do DCE para avaliar os resultados do movimento.

O dia seguinte foi de expectativa para os estudantes e de trabalho para os agentes da Polícia Federal, que já preparavam as ordens de prisão.

Rosângela, uma das estudantes presas, revoltada, ainda lamenta esses resultados - "Eu não acreditava que Jorge Bornhausen fosse levar tudo ao ponto que chegou, que foram as cinco prisões. Mas ele provou que era o ditador de plantão da época, um office-boy da ditadura militar". Rosângela, que ficou presa em uma sala do Hospital da Polícia Militar, lembra ainda que os carcereiros eram seus colegas de sala de aula e que tentava persuadi-los a mudar de posição. A resposta que recebia dos colegas era única em todas as tentativas: "- Ordens são ordens, e são para serem cumpridas." Inconformada com a situação Rosângela criticava os colegas. Ela lembra que gritava muito e por isso ficou presa por um dia em um cubículo sem janelas. "Eles me consideravam a mais revoltada", ironiza Rosângela.

Os sete estudantes presos foram soltos dez dias depois. No dia 17 de fevereiro, o julgamento dos estudantes aconteceu em Curitiba e os manifestantes foram absolvidos por três votos contra dois.

Isabela Hoffman



*Jorge Bornhausen assistiu impassível à ação dos policiais militares*

# Escândalo: Receita Federal aluga um prédio em construção

Fotos: Filipe Bezerra

A Receita Federal alugou um prédio no centro da capital situado na Av. Osmar Cunha, próximo à atual sede, por R\$ 94.130,00 - muito acima do preço de mercado. Até aí, só uma denúncia de superfaturamento envolvendo o engenheiro perito, a Delegacia da Receita e a construtora responsável pelo contrato. O aluguel é pago religiosamente há 3 meses, mas o que completa a maracutaia é o estado do prédio, que ainda está em construção.

O prédio alugado pela Delegacia da Receita Federal está sendo construído pela RCD Empreendimentos, empresa que pertence a Ronaldo Cunha Daux. Ele não foi encontrado na sede da empresa porque estava intensamente envolvido na conclusão de uma obra. Coincidentemente, o prédio alugado pela Receita, conforme informou uma funcionária. A entrevista que conseguimos foi com um homem que disse ser o porta-voz de Ronaldo Daux e se identificou apenas como Manoel Luís, um arquiteto da empresa.

Quando perguntado se o valor

do aluguel do prédio em obras era compatível com o de mercado o arquiteto respondeu: "Bom, você sabe que existe mercado e mercado". Ele informou que o preço do aluguel de R\$ 94.130,00 por mês foi estipulado pela Delegacia do Patrimônio da União, e que a quantia inicialmente proposta pela RCD era maior, mas não soube precisar quanto.

Este valor é contestado por corretores de imóveis familiarizados com os preços dos aluguéis no centro da cidade. Eles estipulam, no máximo, R\$ 10,00 para cada metro quadrado de loja

com vitrine no prédio em questão. Se os 5.326,23m<sup>2</sup> alugados fossem apenas de lojas com vitrines, o valor máximo ficaria em torno de R\$ 50.000,00. No entanto, a área do imóvel é dividida entre duas lojas com vitrines, uma sobreloja e dois subsolos, cada um com cerca de 1.000 m<sup>2</sup>.

Manoel Luís também afirmou desconhecer a lei que isentou a RCD de licitação: "Nós somos simples locadores". Ele disse não ter obrigação de conhecer os procedimentos que o governo utiliza para escolher as empresas contratadas.

Pedro Valente

## Delegado da Receita admite pagar o aluguel de uma obra inacabada

O extrato de contrato (Diário Oficial nº 135 - 17 de julho de 1998) deixa claro que o prédio foi alugado sem licitação, apoiado na lei 8.666/93, que institui normas para contratos da Administração Pública. De acordo com o inciso 10 do artigo 24, é dispensada a concorrência "para compra ou locação de imóvel destinado ao atendimento das finalidades essenciais da Administração, cujas necessidades de instalação e localização con-dicionem a sua escolha, desde que o preço seja compatível com o valor de mercado, segundo avaliação prévia. Se a instituição não tiver outra opção de local ou compra, a licitação também pode ser dispensável.

De acordo com o delegado da Receita Federal, Janir Cassol, o órgão responsável pela avaliação do imóvel é a Delegacia do Patrimônio da União. O delegado preferiu não divulgar o preço do aluguel (que consta no Diário Oficial da União), mas acredita que a quantia está dentro da realidade do mercado de imóveis e que o preço das instalações do novo prédio pode ter sido avaliado de maneira errada, já que possui dependências na categoria de lojas comerciais com vitrines e não de salas comerciais - avaliadas com menor preço de mercado.

Grasiela Costa

### "Diamante Rosa"

Quando perguntado sobre os critérios que condicionaram a escolha do local impreterivelmente na Avenida Osmar Cunha, o delegado declarou que "o prédio é como um Diamante Rosa, só existe um". Além disso, falou que não conhecia com exatidão o artigo 24 da lei que regulamenta licitações e normas contratuais públicas, mas colocou seu assessor a disposição da reportagem. Cassol alegou em entrevista feita no dia 17/9 que os dois subsolos do prédio já estão sendo ocupados "há um mês e meio, com arquivo e material apreendido". Essa ocupação poderia justificar o pagamento de aluguel dos meses de agosto e setembro. Mas não da parcela de julho. Estranhamente, o fotógrafo do ZERO esteve no local no último dia 16 e encontrou nos subsolos apenas material de construção.

Conforme dados fornecidos pelo deputado federal Sérgio Miranda (líder do PC do B na Câmara), a Receita já fez o pagamento de dois meses de aluguel, comprovado pelas Ordens Bancárias enviadas de Brasília. O primeiro comprovante, emitido em 3 de agosto, no valor de R\$ 69.028,52 se referia a 21 dias do aluguel de julho. A segunda ordem de pagamento, emitida em 1º de setembro, deu conta do aluguel de agosto.



Abaixo, o subsolo do prédio em obras onde o Delegado da Receita Federal, Janir Cassol, alega estarem armazenados material de arquivo e mercadorias apreendidas



Setembro de 1998 - ZERO

ZERO - Setembro de 1998

STAF198-DOCUMENTO-CONSULTA-CONOS (CONSULTA ORDEN BANCARIA)			
16/09/98 12:09	USUARIO : MAILDA		
DATA EMISSAO : 03ago98	TIPO DE OB : 12	NUMERO : 880801028	
UG/GESTAO EMITENTE : 170169 / 17903 - DELEGACIA DA REC.FEDERAL EM FLORIANOPOLIS			
BANCO : 001	AGENCIA : 0016	CONTA CORRENTE : 997380632	
FAVORECIDO : 00762199/0001-95 - RCD EMPREENDIMENTOS LTDA			
BANCO : 001	AGENCIA : 0016	CONTA CORRENTE : 7010885	
NUMERO BANCARIO : 002512415-3	RE00125	PROCESSO : RECIBO 001 JUL/98	
	INVERTE SALDO : NAO	VALOR : 63.195,62	
OBSERVACAO			
PAGAMENTO DE RECIBO REFERENTE A 21 DIAS DO ALUGUEL DAS NOVAS INSTALACOES DA DRF/FNS/SC.			
EVENO INSCRICAO 1	INSCRICAO 2	CLASSIF.1 CLASSIF.2	V A L O R
510124 98NE00234	00762199000195	334903910	69.028,52
520280 6190			5.832,90
LANCADO POR : 50941194949 - REIS UG : 170169 03ago98 15:08			
PF1-AJUDA PF3-SAL PF4-ESPELHO PF12-RETORNA			
Esp-chi: [ help: [? port:1 speed: 9600 parity:none echo:off VT320 ....			

STAF198-DOCUMENTO-CONSULTA-CONOS (CONSULTA ORDEN BANCARIA)			
16/09/98 12:11	USUARIO : MAILDA		
DATA EMISSAO : 01set98	TIPO DE OB : 12	NUMERO : 880801028	
UG/GESTAO EMITENTE : 170169 / 17903 - DELEGACIA DA REC.FEDERAL EM FLORIANOPOLIS			
BANCO : 001	AGENCIA : 0016	CONTA CORRENTE : 997380632	
FAVORECIDO : 00762199/0001-95 - RCD EMPREENDIMENTOS LTDA			
BANCO : 001	AGENCIA : 0016	CONTA CORRENTE : 7010885	
NUMERO BANCARIO : 002933972-3	RE00145	PROCESSO : 002 AGOSTO/98	
	INVERTE SALDO : NAO	VALOR : 83.546,34	
OBSERVACAO			
PAGAMENTO DE RECIBO REFERENTE A ALUGUEL DO MES DE AGOSTO DAS NOVAS INSTALACOES DA DRF/FNS/SC.			
EVENO INSCRICAO 1	INSCRICAO 2	CLASSIF.1 CLASSIF.2	V A L O R
510124 98NE00349	00762199000195	334903910	68.000,00
510124 98NE00311		334903910	23.257,60
520280 6190			7.711,26
LANCADO POR : 50941194949 - REIS UG : 170169 01set98 16:19			
PF1-AJUDA PF3-SAL PF4-ESPELHO PF12-RETORNA			

## O prédio não existe, mas eles querem alugar

Wilson Borlin, um dos engenheiros da Delegacia do Patrimônio da União, responsável pela avaliação de imóveis públicos, foi procurado para dar mais informações a respeito do contrato com a RCD. Nosso repórter falou com ele e conta como foi:

Depois de confusas explicações do sr Wilson Borlin sobre como é feita a avaliação do valor de um imóvel, tive o seguinte diálogo com ele:

- Foi o senhor quem autorizou a locação de prédio da Delegacia da Receita Federal (DRF), que está em construção?

- Sim.

- Posso saber qual é o valor do imóvel?

- O aluguel é de aproximadamente 20 mil reais.

- Mas o preço que eles estão pagando não é de 94 mil reais?

- A qual prédio você se refere? - perguntou, mostrando-se surpreso.

- O prédio em construção da Delegacia da Receita Federal.

- Não. Esse aí eu não sei o valor. Faz mais de 10 anos e não me lembro - referindo-se ao atual prédio da Receita. O preço que eu falei é do prédio da repartição federal de controle, explicou (este prédio, também da RCD, é vizinho ao edifício em obras).

Depois ele informou que o imóvel ao qual se referia era o prédio

Wall Street da rua Gama D'Eça.

Conclusão: fiquei completamente confuso e encerrei a entrevista.

Após a conversa, fui visitar o prédio da DRF. Fica na avenida Prefeito Osmar Cunha, 220. Lá perguntei para a atendente, no guichê "informações", se a Delegacia seria transferida para a construção ao lado (cerca de 100m). Ela respondeu que sim. "Daqui uns trinta dias", afirmou. A construção, à qual me referi, possui uma placa com a seguinte estampa: "RCD Empreendimentos Ltda".

Ficou claro que o sr. Borlin me deixou com dúvidas. E para solucioná-las voltei a falar com ele. Nesta segunda conversa, ele afirmou que desconhecia o prédio em construção. Falei que o prédio existia e até convidei para visitarmos a obra juntos. Muita conversa se passou e ele, em vários momentos, tentou me confundir dizendo que o atual prédio da Delegacia da Receita Federal não era o prédio da Delegacia da Receita Federal.

À esquerda estão dois comprovantes de pagamento, fornecidos pelo deputado Sérgio Miranda (PC do B/MG), que possui acesso a todas as movimentações das contas do governo através do Siafi, Sistema Integrado de Administração Financeira. O primeiro se refere ao pagamento de 21 dias de aluguel no mês de julho, já que o contrato foi assinado no dia 10. O segundo documento comprova também o pagamento de agosto.

Voltei a perguntar se foi ele quem autorizou a locação. Ele explicou, dessa vez, que não tinha nenhum pedido formal de análise de valores do prédio em construção, embora soubesse que havia o interesse da DRF de se mudar para lá. Surge aí uma estranha contradição: primeiro ele afirmou que desconhecia o prédio em obras; depois, disse que sabia do interesse da receita pelo prédio.

Wilson Borlin pode realmente não saber nada a respeito do preço abusivo do aluguel deste prédio, mas já esteve envolvido em outro caso de super-faturamento. Seu nome é citado em auditoria do Tribunal de Contas da União, realizada em 1994. No Diário Oficial de 7 de agosto de 1998 consta que Borlin foi acusado de responsabilidade pela "elaboração de laudo de avaliação definido valor de locação de seis pavimentos do Edifício Otília Eliza em montante superior ao valor resultante da aplicação da fórmula e dos parâmetros definidos no próprio laudo". Wilson foi multado e continua avaliando prédios públicos.

Alexandre Brandão



O "Diamante Rosa" é valioso mas continua em estado bruto



# Vinte anos desvendando o sobrenatural

*“Os cientistas criticam nossos métodos porque são inseguros e têm medo de perder espaço”, diz o homem que dedica sua vida ao estudo do sobrenatural: combustão espontânea, poltergeist e possessões demoníacas*

Divulgação

Há casos em que ficção e realidade parecem fazer parte da mesma história. Foi o que aconteceu com o professor e parapsicólogo Pedro Grisa, que há quase 20 anos se dedica à investigação desses estranhos fenômenos, chamados popularmente de “sobrenaturais”. Ele conta ter ajudado a resolver casos de pessoas em combustão espontânea, possessões demoníacas, poltergeist e outros, com o uso da parapsicologia. Grisa se tornou um dos pioneiros dessa área no Brasil e, recentemente, foi responsável pela formatura da primeira turma de Parapsicólogos Clínicos do Instituto de Parapsicologia e Potencial Psíquico (Ipappi), de Florianópolis, criado em 1984.

Licenciado em Psicologia e Bacharel em Letras Neolatinas pela Universidade Católica de São Paulo, Grisa buscava respostas sobre a humanidade e o universo através da ciência formal, mas não as achou. “O conhecimento da ciência sobre o universo é incompleto, e as capacidades e limitações do potencial humano têm sido bastante subestimadas”, acredita. Logo que iniciou profissionalmente como psicólogo, Grisa procurou métodos terapêuticos não convencionais, como telepatia, hipnose e psicocinesia - interação da mente sobre objetos - os quais acreditava serem mais completos. “Quando descobri a paraciência, abri-me para mim a trilha para uma longa jornada de estudos e experiências”. Isso implicou também a utilização de uma metodologia científica muito particular, em que faz uso de elementos tão subjetivos como a observação e a intuição pra fundamentar as pesquisas - “se um objeto religioso está pegando fogo, isto provavelmente significa que as pessoas estão decepcionadas com Deus”, exemplifica, indo contra princípios básicos da ciência.

## Chico Xavier

No final dos anos 70, Grisa se uniu à Fundação de Educação e Cultura Espírita Paraná/Santa Catarina (Fecepasc), onde participou da fundação dos Cursos de Graduação em Parapsicologia e Ioga. Abraçando a ideologia da Fecepasc, ele entrou de cabeça no espiritismo, a partir do qual passou a buscar respostas para suas perguntas existenciais. Para ele, era a possibilidade de unir religião e ciência, ou melhor, de usar a ciência para explicar a espiritualidade e a religião.

Mas com o desenvolvimento das pesquisas Grisa foi mudando seu



*Santíssima Trindade: A pirâmide de cristal, o cavalo de porcelana e o parapsicólogo Pedro Grisa*

modo de pensar. E o ponto determinante foi o contato com os trabalhos do médium Chico Xavier. “Eu analisei mais de duas mil psicografias de Chico e entrevistei várias pessoas envolvidas com elas”, conta Grisa. Ele passou a adotar uma postura mais cética, e a contestar o entendimento de vida após a morte, reencarnação e mediunidade, proposto pelos espíritos. “Comecei a perceber que não eram manifestações do mundo espiritual, elas tinham origem no próprio ser humano”, argumenta ele. “Descobrimos que é a mente que atua. Sabemos que funciona assim, mas o que é essa força, não se sabe até hoje. Nós costumamos classificar isso como energia Psi”.

As divergências filosóficas e científicas levaram Grisa a se afastar do espiritismo. Ele abandonou o Fecepasc e entrou para uma linha chamada de “Escola Científica Independente de Parapsicologia”, considerada por ele mais científica. Mas por mais científica que ele a considere, o fato é que este tipo de estudo continua sendo muito criticado, tanto por cientistas, quanto no meio acadêmico. Grisa, por sua vez, defende seu ponto de vista e acusa a metodologia científica tradicional de ser problemática: “Na verdade há os chamados cientificistas, que acham que só se faz experiências em laboratórios e com estatísticas. Isso também pode ajudar a fazer

ciência, mas não há só esses métodos. Eles costumam contestar nossos métodos porque são inseguros e têm medo de perder espaço. E por isso se apegam a coisinhas pequenas, sem importância, para tentar negar a validade de nossas teorias”.

Nos anos 80, Grisa passou a investigar com frequência casos que ele chama de “perturbações paranormais”. “As nossas experiências maiores são com aquelas pessoas que parecem estar possuídas por um diabo ou por uma pomba-gira, por uma dessas entidades perturbadoras. Eu tenho mandado

muitos diabos embora sem ter usado água-benta, nem o sinal da cruz, nem nada disso. Só ajudando a pessoa a libertar-se do conflito que dava origem a essa manifestação”.

Grisa também diz ter resolvido casos de assombração: “Aqui em Santo Amaro eu ajudei a acabar com as bagunças numa casa mal-assombrada”.

Mas o caso mais fantástico que Grisa relata ocorreu num bairro de Porto Alegre - Santa Rosa - em que as “perturbações” ocorriam em várias casas de uma rua: “Tomei conhecimento através de uma reportagem da RBS, que mostrou que televisores pegavam fogo, rádios explodiam, objetos se mexiam, sem uma explicação lógica. Fomos até lá e descobrimos que havia uma ‘guerra psíquica’ entre algumas

pessoas de uma mesma família. Ao fazer as pessoas tomarem consciência disso, os fenômenos acabaram”.

A dificuldade de aceitação profissional da parapsicologia levou Grisa a fundar seu próprio centro de pesquisas. O Ipappi tornou-se uma espécie de instituição auto-sustentável, uma ilha paracientífica alheia ao meio científico. Grisa fundou também uma editora, a Editora de Parapsicologia e Psicotrônica, por onde passou a publicar seus próprios livros, entre eles *Liberte Seu Poder Extra* e *Paranormalidade para Todos*, fundamentando e difundindo suas teorias. E, a partir daí, Grisa iniciou a formação de uma equipe de trabalho moldada de acordo com suas teorias e crenças.

Há três anos, o Ipappi deu um passo importante, inaugurando o primeiro curso de pós-graduação em Parapsicologia Clínica. O curso não é reconhecido pelo MEC mas, como explica Grisa, está autorizado pelo Ministério do Trabalho. “Temos uma liminar que permite o funcionamento da pós-graduação, e estamos batalhando agora no legislativo para conseguir uma regularização definitiva”. A pós-graduação tem sido procurada por médicos, pedagogos, psicólogos, advogados e outros profissionais. A formatura da primeira turma, em agosto passado, coloca 17 novos parapsicólogos clínicos no mercado, provando a expansão da parapsicologia. E queiram os “cientificistas” ou não, mostra que os parapsicólogos estão conquistando espaço na sociedade.

Diego Singh

Setembro de 1998 - ZERO

## Azul ou rosa: você decide

Grisa: "É o subconsciente da mãe que determina o sexo do bebê na hora da concepção"

Entre as hipóteses levantadas no Ippapi a mais interessante está relacionada à biopsicocinesia - interação da mente sobre organismos vivos. Após analisar diversos casos, o parapsicólogo Pedro Grisa diz ter registrado evidências suficientes para provar que o sexo dos filhos é determinado mentalmente através do subconsciente da mãe: "Nós concluímos que não é o homem que escolhe biologicamente o sexo dos filhos através dos cromossomos X e Y. Quem seleciona o espermatozóide para fecundar o óvulo é a mulher, através do subconsciente. Nós observamos que em famílias que têm quatro mulheres, ou três mulheres e um homem, todas as mulheres mandam no marido. E se não mandam comandam. Elas nasceram todas mulheres porque a mãe delas já mandava no marido. Isso porque a mãe delas já tinha sido programada pela avó de que homem não presta, que a mulher tem que se virar, tem que dar conta do recado. E porque ela tem essa programação mental, é que o subconsciente dela vai selecionar as meninas, porque mulher incomoda menos que homem. As filhas, conseqüentemente, vão ser programadas de que as mulheres têm que se virar, têm que dar conta do recado, que homem não presta. Então vão ser todas mulheres de caráter forte e vão mandar no marido".

Segundo Grisa, o controle desse tipo de poder mental tem implicações diretas na melhoria da qualidade de vida das pessoas. "Possibilitaria a cura de doenças como o câncer, de distúrbios mentais graves como psicose ou esquizofrenia, e até mesmo o controle de depressão e ansiedade tão comuns à vida urbana".

D.S.



Fazer palestras em lugares públicos é um dos truques de parapsicólogos para atrair seguidores

## Caçadores de caça-fantasma

Pesquisador declara que os parapsicólogos se aproveitam de um status científico que não possuem e o utilizam indevidamente para adquirir alguma credibilidade

Espíritos que curam doentes, teoria de vidas passadas, consultas astrais que determinam o futuro. As inúmeras e improváveis descobertas da parapsicologia vêm ocupando cada vez mais espaço na mídia e, conseqüentemente, seduzindo milhões de pessoas mundo afora. A solução para problemas e males sem cura há décadas ou mesmo há séculos agora parece estar ao alcance de qualquer pessoa que se propõe a acreditar nas teorias de magos e parapsicólogos. Os avanços da medicina e da psicologia tradicional não parecem mais surtir efeito na população diante de tantos curandeiros milagrosos.

"A ciência não é tão sensacional quanto a parapsicologia", afirma o professor Rogério Guerra, doutor em Psicologia Experimental pela USP. Segundo ele, o impacto provocado pelos parapsicólogos, que dizem ter a resposta para todas as perguntas, faz com que a população não se preocupe mais com o avanço de pesquisas que exigem comprovação teórica e experimental. Além dis-

so, a ciência requer uma linguagem técnica que grande parte da população não domina. "O leigo não entende o discurso científico".

Esse interesse se manifesta em toda esfera social, atingindo todas as classes da sociedade. Da mesma forma que multidões fazem fila nos centros comunitários para serem operados pelo espírito de um médico alemão, o onipresente "Dr. Fritz". São notórios casos como a cirurgia espírita do ex-presidente João Figueiredo e as consultas que Ronald Reagan fazia ao horóscopo antes de tomar alguma decisão importante quando era presidente dos Estados Unidos. Rogério Guerra acredita que a má administração da saúde pública e o atendimento precário do Sistema Único de Saúde desestimulam a população a procurar os métodos convencionais de cura, levando-as a optar por práticas alternativas sem fundamento científico.

Para o professor, o truque dos parapsicólogos para atrair mais seguidores é fazer palestras gratuitas em lugares como a universidade, o que acaba servindo para dar

credibilidade à estas pseudociências. Os parapsicólogos impressionam o público utilizando termos científicos como *macro* e *microcosmos*, *teoria quântica* e *relatividade*. "No momento em que a Universidade permite a colocação de cartazes e cede lugares para palestras, ela está apoiando este tipo de movimento que é proibido". Rogério Guerra se apóia no Artigo 1º do Conselho Federal de Psicologia, que proíbe os profissionais da área de veicular por qualquer meio de comunicação a prática de Tarologia, Astrologia, Florais de Bach e outras técnicas não comprovadas cientificamente. Ele costuma colecionar recortes de jornais, revistas, fotos e cartazes de palestras gratuitas sobre parapsicologia espalhados pelo campus universitário, alguns deles repletos de erros de ortografia.

De acordo com o professor Guerra, alguns psicólogos estão deixando a área teórico-experimental para se dedicar à parapsicologia. "Muitas vezes, se valem da impunidade para difundir idéias controversas, como o padre que receitava chá de babosa para a cura do câncer", cita o professor. Ele lembra o caso James Randi, um ex-mágico autor do livro *Enciclopédia da Fraude* que ofereceu US\$10 mil para quem lhe provasse que tinha poderes paranormais. Até hoje ninguém conseguiu provar nada a Randi que, indiretamente, acabou desmascarando Uri Geller, que ficou famoso na década de 70 por entortar talheres com a *força da mente*. Nas próprias palavras do professor Guerra, "a parapsicologia quer usufruir de um status científico do qual não tem".

Fabrício Rodrigues



# O cardápio do Tio Sam é uma porrada

*A Organização Mundial da Saúde adverte: até o ano 2030 toda a população dos Estados Unidos será obesa por causa da má alimentação. E os brasileiros estão sendo cada vez mais influenciados pela dieta dos gringos*

A cada dia mais brasileiros optam pelos lanches rápidos e abandonam o tradicional feijão com arroz acompanhado de carne, legumes e verduras, que têm quase todos os nutrientes de que precisamos. A mudança, causada principalmente pela influência dos hábitos norte-americanos aumentou o número de pessoas obesas em cerca de 40% nos últimos 13 anos.

A obesidade é uma doença diretamente relacionada a alimentação e pode levar a outros problemas como diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares e depressão. Uma pessoa com excesso de peso se sente rejeitada pela sociedade, geralmente não pratica exercícios físicos e pode ser tornar depressiva. Um estudo da Organização Mundial da Saúde revela que até o ano 2030 toda a população dos Estados Unidos será obesa devido a má alimentação. O problema é que a influência americana no dia-a-dia brasileiro é cada vez maior, principalmente na escolha dos alimentos.

O hábito alimentar representa as raízes do povo de determinada localidade, a cultura e a crença desta região, e está sujeito a fatores naturais como o clima, solo e disponibilidade dos alimentos. Este hábito pode sofrer alterações, principalmente com o desenvolvimento dos transportes e da tecnologia que permite o acesso a alimentos antes dificilmente encontrados. Segundo a nutricionista Raquel Kurten, atualmente a globalização é o que mais influi no hábito alimentar. "O Brasil importa muita comida americana, e isto pode gerar muitos problemas de saúde pública daqui a alguns anos".

Raquel diz que o brasileiro sempre teve a melhor refeição: o feijão com arroz. No entanto, muitas pessoas estão a rejeitando por não terem tempo para se sentar e comer com calma ou por que está acontecendo o que a nutricionista chama de elitização cultural do alimento: o poder aquisitivo das pessoas subiu e o feijão está sendo considerado co-

mida de pobre. Outro dado que preocupa a nutricionista é o aumento na compra de carne ocorrido nos últimos quatro anos, período em que as vendas subiram 27%, o que não significa boa alimentação. Segundo ela, a carne em excesso pode prejudicar a saúde.

A alimentação à base de sanduíches, refrigerantes e frituras não contém os nutrientes necessários para uma vida saudável, explica Raquel Kurten. "Estes alimentos têm muitas calorias, mas são pobres em fibras, minerais e vitaminas". Um adulto pode ter problemas como a obesidade, mas no caso das crianças as consequências são ainda piores, porque, de acordo com a nutricionista, prejudica o desenvolvimento genético, a estatura e a estrutura óssea.

Gisiela Klein

## Coma bem

Três refeições contendo os grupos alimentares:

- massas (pães e macarrão)
- leguminosas (feijão, ervilha)
- frutas (3 por dia no mínimo, pode ser em forma de suco)
- verduras
- leite
- pouca carne
- reduzir o consumo de açúcar
- beber muita água

## Diet arrisca a vida de bebês

Uma pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina revela que as gestantes estão aderindo aos produtos dietéticos, o que pode comprometer a vida do bebê. Nos meses de outubro a novembro do ano passado um grupo de estudantes de nutrição entrevistaram 56 mulheres que haviam tido filho há pouco tempo, e se descobriu que cerca de 36% das mães disseram que ingeriram algum tipo de adoçante diet durante a gravidez para não engordar. A surpresa é que 62% destas mulheres ganharam peso acima do normal mesmo com os produtos dietéticos.

De acordo com a nutricionista Raquel Kurten, isto prova que o produto diet nem sempre leva a perda de peso. "Esses alimentos são indicados apenas para o tratamento de doenças como a diabetes. A gestante não precisa consumir produtos dietéticos, pois desta forma, pode estar arriscando a vida dela e do bebê, a mãe deveria se alimentar bem, buscando alimentos ricos em nutrientes".



# Libere todo o tesão que há em você

O somaterapeuta sugere às pessoas que retirem o excesso de roupas. Os participantes mais acostumados já sabem: tiram a camisa e as mulheres ficam até de calcinha e sutiã. Tudo isso com a maior naturalidade

Sábado a tarde, final de inverno. Cerca de trinta pessoas estão reunidas na Academia Wadokan, no centro de Florianópolis, para participar de um workshop de Somaterapia. Ivan, assim como outros, está quieto em um canto da sala, observando tudo com o canto dos olhos, ansioso por experimentar os tais exercícios de Soma. Enquanto isso, Didi e Vinícius fazem o aquecimento com alguns passos de capoeira, e Morgana brinca de pega-pega com Renata. A diferença entre Ivan e os que já participaram anteriormente da "terapia anarquista" é visível. Estes são soltos, sorridentes e

abraçam forte cada novo companheiro que chega. O somaterapeuta Jorge Goia, que há dois anos desenvolve o trabalho em Florianópolis, diz que a Somaterapia é recomendada para pessoas que julgam-se muito normais, que só conseguem viver de acordo com padrões de comportamento ditados pela sociedade e que desejam extravasar a originalidade. "Ser 'normal', na nossa sociedade, é extremamente opressivo".

## Pouca roupa

Antes de começar o workshop, Jorge Goia explica que os exercícios envolvem contato corporal e sugere às pessoas que retirem o excesso de blusas e fiquem descalços: "para quem quiser, trouxemos uns shorts para emprestar". Independente do frio, as pessoas vão ficando só de camiseta e bermuda ou de calça arregaçada. Para os participantes mais antigos isso não é nenhuma novidade: os homens tiram a camisa e as mulheres ficam de top ou

até de calcinha e sutiã. Tudo com a maior naturalidade. Goia pede para as pessoas caminharem pela sala, procurando preencher cada espaço. O lugar torna-se pequeno com tantas pessoas correndo de um lado ao outro. O somaterapeuta pede então que elas esbarrem entre si. Alguns olham desconfiados, evitando o contato físico ao máximo; outros, mais empolgados, quase derrubam os outros participantes. "Os exercícios são muito lúdicos, a gente diz que é uma brincadeira séria. Depois os participantes comentam o que sentiram: timidez, raiva, agressividade. Uns até nem conseguem realizar determinados exercícios e isso já quer dizer muita coisa".

O clima parece ter esquentado e as pessoas estão mais soltas. Os participantes agora precisam formar grupos de três. Enquanto uma pessoa fica no centro, despencando o seu corpo para frente e para trás, as duas outras devem segurá-la. Muitos participantes têm dificuldade de soltar o corpo. "Se a pessoa não consegue adquirir confiança nos outros dois integrantes da equipe, é difícil que ela se solte", explica Goia.

## Política com psicologia

Esse é um dos vários exercícios de teatro que foi assimilado por Roberto Freire para criar a Somaterapia. No final da década de 60, na Europa, ele conheceu o trabalho do grupo de teatro *Living Theater*, que usava as técnicas do médico austríaco Wilhelm Reich para desenvolver a criatividade dos atores. Desde então, Roberto Freire, que havia aban-

donado a profissão de psiquiatra, e mais tarde também a de psicólogo, por não concordar totalmente com nenhuma das suas teorias, seguiu os ensinamentos de Reich. Eles apontavam a origem das doenças na incapacidade de obtenção de prazer e na existência de bloqueios no organismo. O objetivo dos exercícios da Soma é justamente identificar e dissolver esses bloqueios.

O somaterapeuta Jorge Goia explica que Reich também junta política com psicologia. "As relações sociais detêm um poder muito forte sobre as individualidades e não respeitam as diferenças. E é justamente nesse conflito entre o social e o individual que está baseada a obra de Reich e a Soma. A sociedade capitalista e autoritária precisa de pessoas neuróticas porque estas são submissas. Neuróticos não ouvem, não contestam, não constróem uma sociedade de um jeito novo".

Roberto Freire, em uma de suas palestras em Florianópolis, disse que uma das questões fundamentais da Soma é tentar destruir o desejo capitalista de dominação, autoritarismo e competição exacerbada.

Depois de uma pausa de cinco minutos, o workshop recomeça e Jorge Goia convida um parceiro para jogar capoeira de angola, atividade presente em todas as sessões de Soma. Como o somaterapeuta mora no Rio de Janeiro, as sessões em Florianópolis concentram-se em um final de semana por mês. A terapia, porém, continua com as duas sessões de capoeira por semana e os chamados gru-

pões. Goia explica que as pessoas do grupo estabelecem um vínculo de amizade. Ele é Roberto Freire estimam que 3 mil pessoas fizeram Soma nesses 30 anos no Brasil.

## Calor humano

Na última etapa os participantes permanecem de olhos fechados por mais de 40 minutos. Eles caminham lentamente pela sala e, como cegos, procuram desenvolver os outros sentidos. No princípio Ivan achava que não ia conseguir: "Depois que você está envolvido com a energia das pessoas não quer mais parar". O exercício estimula a sensibilidade. As pessoas vão se conhecendo não pelo

nome ou fisionomia mas através da textura da pele, do calor das mãos, sentindo a respiração e o abraço umas das outras. Renata gostou tanto de ter participado da Somaterapia, há dois anos,

que veio de Porto Alegre para participar do workshop: "quem sabe eu não começo tudo de novo?", ela brinca. Goia explica que, apesar da terapia ser prazerosa, as pessoas não devem depender dela para viver: "A Soma tem um aspecto muito pedagógico. Durante as sessões, as pessoas aprendem bioenergética, leitura corporal, a teoria da Gestalt e como melhorar a comunicação humana. Os exercícios são muito 'tesudos' e o objetivo final é que cada um possa ser terapeuta de si mesmo, podendo resolver suas dificuldades, seus problemas afetivos com autonomia, sem precisar de terapia".

"Ser 'normal', na nossa sociedade, é extremamente opressivo"

"Os exercícios são muito 'tesudos' e o objetivo é cada um ser terapeuta de si mesmo"

Carline Piva

# Pego em flagrante com o xerox na mão

A nova lei de direitos autorais deixa até especialistas em dúvida sobre o que pode acontecer com quem tirar cópias de livros sem autorização prévia do autor. A partir de agora, você pode ser um criminoso e não saber

Um estudante de Engenharia da UFSC é abordado por policiais armados no momento em que xerocopia um capítulo de um livro para a disciplina de 'Cálculo C'. Será que agora, com uma nova lei que trata do assunto, isso pode acontecer? O professor Márcio Campos, do Centro de Ciências Jurídicas da Ufsc, garante que não. Ele se baseia na nova Lei dos Direitos Autorais que vigora desde fevereiro de 1998.

"A nova Lei foi esclarecida em alguns pontos duvidosos", comenta o professor. "A Lei atual deixa claro o que antes era duvidoso: não é censurado o ato de reproduzir uma parcela do livro, desde que não haja o objetivo de lucro no ato".

Artigos que datam de 1966 têm conteúdo simples porém difícil de ser decifrado. A maior parte das

mudanças foram de linguagem, e por isso não existem motivos para complicar um assunto que abrange tanta gente. Ponto para o Legislativo. A menor parte das mudanças da Lei dizem respeito aos direitos autorais de alguma obra, nada radical.

De acordo com Campos, real-

mente é permitido copiar uma fração de qualquer livro para fins educacionais, inclusive ajuda a divulgar o livro. Porém a coisa muda quando se quer xerocar um livro inteiro. O infrator pode ter que responder civil e moralmente por utilizar uma obra *sem permissão* do autor (leia-se *sem pagar* o autor).

tural, como a maioria das leis que nos cercam.

Portanto, o "futuro engenheiro" citado nas primeiras linhas não poderia realmente ser autuado pelos policiais. Pelo menos não por causa do xerox do livro.

André Lückman



Mas infração de quem? Do aluno? Do professor? Do rapaz do xerox? Como essa Lei pode ser policiada? Esta questão pode levar a pensar que os tantos mil universitários podem estar vivendo como foras-da-lei. O próprio professor Campos referiu-se à pergunta de forma duvidosa. Ele classificou a indagação como complexa, pois possui várias ramificações e detalhes que não caberiam em poucas linhas. Aliás, nem em muitas linhas. Apenas respondeu que é uma questão ética e cultural, como a maioria das leis que nos cercam.

## A ingnorância que astravanca o pogresso das magrelinhas

Projeto de ciclovias é atropelado pela preferência que ainda é dada aos carros como meios de transporte

Florianópolis tem uma das maiores médias de veículos por habitante do país, 0,7 automóvel por pessoa, mas não dispõe de vias adequadas à utilização de outros meios de transporte como a bicicleta. O uso desses meios poderia diminuir os engarrafamentos no centro da cidade e nas rodovias de acesso às praias da capital. Mesmo sem o apoio do poder público, existem iniciativas para solucionar o problema.

O professor de Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina, Francisco Ferreira, já enviou alguns projetos para a Prefeitura e para o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF). Um deles prevê a construção de ciclovias ao redor do campus. O projeto foi enviado em outubro do ano passado e o professor ainda espera a resposta prometida pelo IPUF.

A prefeitura também não demonstrou muito interesse pelo

plano apresentado pelo professor Ferreira. Segundo ele, o projeto precisa inicialmente de uma mudança sócio-cultural. "O custo da obra não é alto, mas tem ainda o custo social, que é a adesão da população. É preciso fazer uma política ostensiva para incentivar o uso da bicicleta. Na Alemanha, por exemplo, é comum ver ciclovias compartilhadas com a área dos pedestres".

Via sacra

Existem outros pontos importantes no projeto do professor, como um trabalho paralelo de paisagismo e um programa de redefinição de tráfego. "Com uma via alternativa, a população da Lagoa poderia sair para outros lugares mais tranquilos durante o verão". O professor Ferreira reclama também do difícil acesso à única ciclovia de Florianópolis, na Avenida Beira-Mar Norte, onde não há passarela especial para os



Bicicleta: não polui, não causa engarrafamentos, mas cansa

ciclistas.

Cercar Florianópolis com ciclovias é o que pretende o projeto de Lei n.º 7.730, que visa regularizar e incentivar o uso de bicicletas na capital. O projeto prevê a instalação de bicicletários, estacionamentos para bicicletas, nos principais pontos do centro da cidade e a construção obrigatória de ciclovias ou de faixas compartilhadas com os pedestres, assim como o projeto do professor Ferreira. "Podemos aproveitar algumas vagas de estacionamento do centro e colocar alguns bicicletários, como fizeram em algumas cidades do interior do Estado. Uma vaga de carro pode comportar dez bicicletas".

Apresentado em meados do

ano passado, o projeto ainda está em tramitação na câmara de vereadores. Antes mesmo de ser aprovado, depende de uma regulamentação da Confederação Brasileira de Ciclismo, uma das principais interessadas, que ainda não se manifestou.

Mesmo com a aprovação de tais medidas, os ecologistas precisam conscientizar a população, que tradicionalmente resiste em usar meios de transporte alternativos. Segundo o professor Ferreira, ainda há preconceito contra as "magrelas". "Existem muitas na cidade, mas elas são mal aproveitadas, pois só servem para o lazer".

Fabrcício Rodrigues

# Uma Kombi conta a história do Brasil

O casal Ita Kirsch e Simone Blauth está viajando pelos estados brasileiros para registrar os quinhentos anos do descobrimento. Até o fim do percurso eles percorrerão trinta mil quilômetros, visitando todas as regiões do país

Divulgação

A bordo de uma kombi-safari adaptada, o fotógrafo Ita Kirsch e a artista plástica Simone Blauth pretendem registrar 500 anos de história brasileira. Desde maio deste ano até dezembro de 1999, o casal percorrerá 30 mil quilômetros do território nacional, fotografando costumes e belezas de um país, segundo Simone, "humanamente rico".

Não é a primeira vez que o casal se aventura pelo mundo da fotografia. Juntos já percorreram a África do Sul, a Tailândia, a China e a Índia. As viagens duraram em média três meses e meio. Cada uma delas resultou em um áudio-visual distinto, produzidos a partir de fotos e entrevistas com nativos. Os trabalhos são mostrados em escolas, universidades e centros culturais. "Mostrar o fruto do nosso trabalho é uma motivação para continuá-lo", diz Simone. "Poder dividir isso com outras pessoas me emociona".

O projeto, batizado de *Imagens do Brasil*, foi planejado em 1995 e, coincidentemente, só deu certo pouco antes da virada do milênio. "Exatamente na comemoração dos 500 anos do

Brasil", diz Simone, que espera nesta viagem encontrar a "magia de ser brasileiro". Além de ser mais longa, esta viagem difere das outras pelo fato de estarem recebendo apoio de algumas empresas gaúchas. Por isso mesmo, é encarada com maior seriedade. "É um compromisso com nós mesmos", garante Ita. *Imagens* também será transformado em livro, pela editora gaúcha Mercado Aberto.

O roteiro de *Imagens* foi planejado detalhadamente, levando-se em conta o clima e as peculiaridades de cada região. Poderá ser mudado, entretanto, conforme dicas locais. O casal prefere dar ênfase ao patrimônio cultural e natural brasileiro, principalmente às reservas ecológicas. A viagem, que começou e terminará no sul, segue rumo ao norte, passa pelas regiões nordeste, central e sudeste do



Ita Kirsch e Simone Blauth vão percorrer 30 mil Km pelo Brasil

país, respectivamente. O trajeto inclui lugares como a Chapada dos Guimarães, o Parque Indígena do Xingu, Fernando de Noronha. Florianópolis será visitada durante a volta, em novembro de 1999.

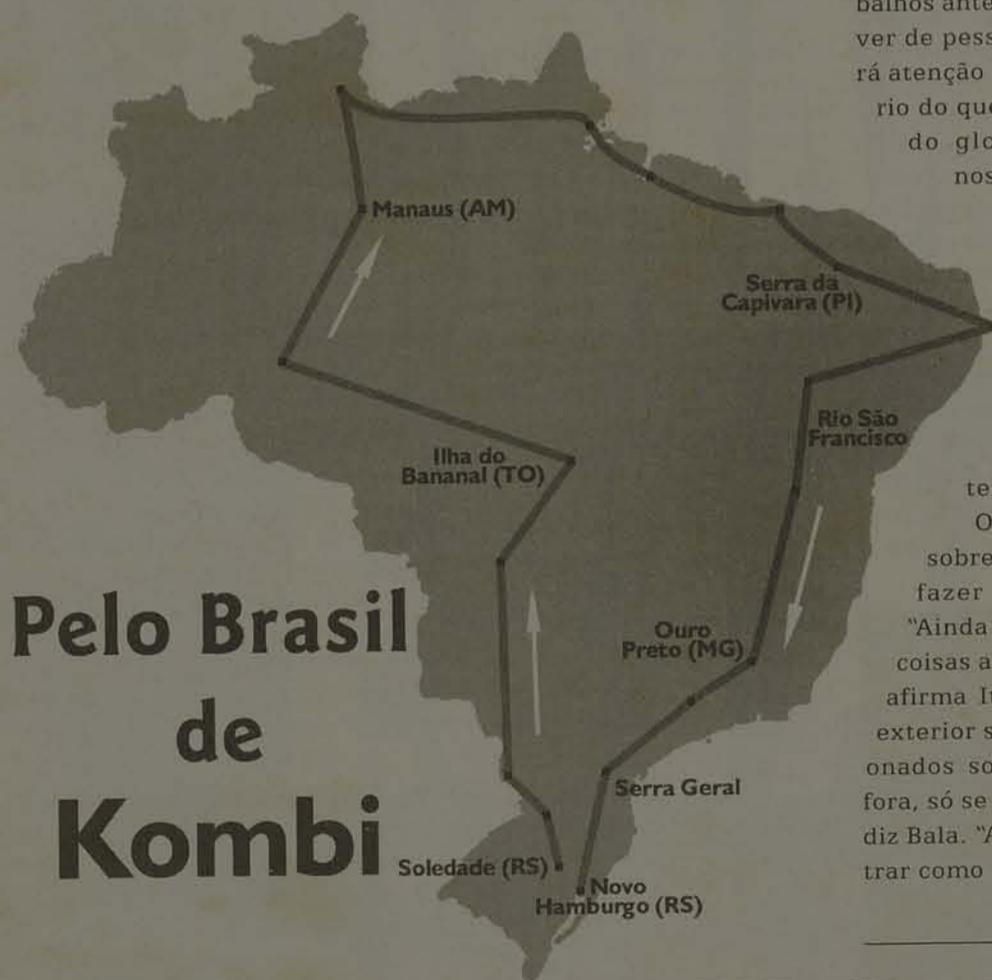
Ita diz que pretende fotografar a beleza e a realidade brasileira. "Quero mostrar o contraste de um país economicamente pobre, mas rico em tradições e natureza". Assim como nos trabalhos anteriores, o modo de viver de pessoas simples receberá atenção especial. "Ao contrário do que nos mostra o mundo globalizado, cultivar nossas tradições é uma riqueza". Para Simone, o importante seria com este trabalho poder "encher os olhos de quem mora na cidade com a cultura do interior e vice-versa".

O casal quer provar, sobretudo, que é possível fazer turismo no Brasil. "Ainda existem milhões de coisas a serem descobertas", afirma Ita. Nas viagens pelo exterior sempre foram questionados sobre o seu país. "Lá fora, só se ouvem coisas ruins", diz Ita. "Agora queremos mostrar como ele realmente é".

Malu Echeverria

## O roteiro das imagens

- Soledade - RS
- Iraú - RS
- Palmitos - SC
- Foz do Iguaçu - PR
- Bonito - MS
- Chapada dos Guimarães - MT
- Parque Indígena do Xingu
- Chapada dos Veadeiros - GO
- Ilha do Bananal - TO
- Porto Velho - RO
- Manaus - AM
- Boa Vista - RR
- Macapá - AP
- Belém, PA
- Ilha de Marajó - PA
- Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses - MA
- Serra da Capivara - PI
- Baía da Tradição
- Chapada Diamantina
- Ouro Preto - MG
- Serra da Mantiqueira
- Vitória - ES
- Serra da Cantareira - SP
- Serra do Mar
- Serra Geral
- Novo Hamburgo - RS



Pelo Brasil  
de  
Kombi



# Pesca e turismo ameaçam nossa Baía dos Golfinhos

Enseada dos Currais, em Santa Catarina, é o "limite austral" onde golfinhos da espécie *Sotalia fluviatilis* podem ser vistos.

Próxima à Ilha de Anhatomirim está situada a Enseada dos Currais, um lugar mais conhecido como a Baía dos Golfinhos, tamanha a frequência com que esses animais são vistos em suas águas, sempre em grupos numerosos.

O espetáculo que proporcionam, com seus saltos e movimentos a superfície, atrai muitos barcos turísticos a essa região de antigas comunidades pesqueiras.

Os passeios de escuna surgiram nos anos 80, em parte graças à restauração da Fortaleza de Anhatomirim, aberta para visitação. Além das duas empresas iniciais, outras quatorze operam hoje em dia, com dezoito escunas fazendo passeios diários até à enseada. À elas, se somam dezenas de lanchas particulares e barcos pesqueiros.

Em 1992, a Área de Proteção Ambiental de Anhatomirim foi criada com o objetivo principal de garantir a preservação dos golfinhos na Enseada dos Currais.

Nos limites da APA, foram cri-

adas restrições ou proibidas diversas atividades consideradas de impacto, como esportes náuticos, e mesmo a pesca artesanal. Em todo o mundo, o enredamento acidental têm sido a maior ameaça e a maior causa de morte de golfinhos e botos. Mas grande parte dos pescadores discorda e mesmo desrespeita as restrições.

Apesar da APA ter como objetivo regulamentar o turismo nas águas da enseada, não existe fiscalização sobre o tráfego de barcos. Os golfinhos são fonte de renda para muitos que trabalham com o turismo na região, direta ou indiretamente, mas mesmo os proprietários de escunas reconhecem que o turismo feito aqui não é de caráter ambiental, como o permitido na outra Baía dos Golfinhos brasileira, em Fernando de Noronha.

Entre as redes de pesca, o assédio dos barcos de turismo e a crescente degradação do meio ambiente, a principal ameaça aos golfinhos continua sendo o desconhecimento das pessoas a respeito deles.

Os mamíferos aquáticos se dividem em três grupos: pinípedes (focas, leões e lobos marinhos), sirênios (peixes-boi, manatis e dugongos) e cetáceos (baleias, botos e golfinhos). O grupo dos cetáceos reúne cerca de oitenta espécies, divididas em dois subgrupos: **Misticetos** (baleias de barbatanas, como a Franca) e **Odontocetos** (baleias e golfinhos com dentes, como o *Sotalia*).

## O que se procura saber

Parâmetros populacionais:

Quantos são, taxas de natalidade e mortalidade.

História de vida dos animais:

Quanto tempo vivem, ciclos de desenvolvimento e reprodução, hábitos.

Área de vida: Regiões onde habitam e com que uso.

Causas de morte e principais ameaças à sua preservação.

## Características da espécie:

Nome científico: *Sotalia fluviatilis*.

Dimensões: até 2 metros de comprimento e 80 kg de peso.

Coloração cinza, parte inferior mais clara.

Distribuição: zonas costeiras da América Central e do sul, bacias Amazônica e do Orinoco.

Vivem em grupos numerosos, fixando residência em áreas protegidas.



## Pesquisa utiliza método avançado

Há quase oito anos o biólogo Paulo André Flores pesquisa os golfinhos na Enseada dos Currais. Como trabalho de graduação na UFSC, seu estudo a princípio se limitava à observação e registro do comportamento dos animais. Desde 93, já coordenando o Projeto Sotalia, ele passou a utilizar um método de pesquisa normalmente aplicado apenas em centros de pesquisa com grandes recursos: a fotoidentificação.

Identificar os golfinhos individualmente é hoje o principal objetivo do projeto, que conta com o apoio de entidades não governamentais.

A pesquisa de Flores busca responder muitas perguntas que permanecem sem resposta, sobre a população de golfinhos na Enseada dos Currais, e mesmo sobre os cetáceos em geral (veja nesta página o que se sabe e o que ainda falta saber

sobre esses animais).

Este ano, o Projeto Sotalia apoiou a produção de um documentário em vídeo que registra a presença dos golfinhos na enseada e relata as principais ameaças que eles enfrentam.

Realizado no Labvídeo do Curso de Jornalismo da UFSC, como trabalho de conclusão de curso de um aluno, o documentário tem 25 minutos e destaca os riscos que representam para os golfinhos as redes de pesca, o tráfego intenso de embarcações e a crescente poluição da baía norte.



"Cortado" ou A-1, primeiro golfinho fotoidentificado por Flores, em 1992.

Mamíferos aquáticos têm diversas semelhanças com os seres humanos, o que se explica por seus ancestrais terem sido animais terrestres, que ao longo do processo evolutivo retornaram ao meio aquático. Diferente dos peixes, eles tem sangue quente e respiram ar pelos pulmões. A fecundação e a gestação são internas, e as fêmeas dão a luz filhotes já formados, que vão amamentar e ensinar algumas lições durante os primeiros anos de vida.



Fotos Paulo Flores

Texto Gustavo Cabral Vaz